

— Não faço questão de dinheiro, meu caro Lobato. Quero nome. Imprima-a.

O autor de *Urupês* depois de vinte e quatro horas procurou o poeta e disse-lhe:

— Li o teu original. Publico o livro e dou-te um conto de réis, mas com uma condição.

— Qual?

— Que me expliques o que quer dizer tudo isso que escreveste...

E o outro sumiu-se na poeira...⁴²

A anedota, típica da época, ilustra bem o quanto, na província, o prestígio de Lobato servia de amortecedor ao solavanco modernista. Apresentado como um cabotino barato, que não quer dinheiro mas deseja a fama, o poeta futurista esbarra no *magister dixit*, isto é, o detentor de suprema sabedoria e também do meio de produção. A tolerância inicial deste para com o extravagante neófito apenas se explica porque, apesar de tudo, tratava-se de alguém do mesmo ofício, ou seja, o proprietário dos originais de uma obra.

Superior e rico, mas desejoso de compreender a natureza humana até em suas formas mais aberrantes, o inatacável autor-editor está disposto a dar um milhão pela oportunidade de compreender o que, já se sabe, é incompreensível. A generosidade intelectual tudo tenta. Pena que o outro, incapaz de discernir o que ele próprio perpetrara e apavorado pela perspectiva de ver seu embuste desnudado, bate em retirada humilhante através da única via que lhe resta, isto é, a chã poeira que nada vale.

APOLÔNIO FAZ CATEQUESE

Em 1922 o "arraial da reação" referido por Rui Martins Ferreira em outubro de 1921, quatro meses antes da Semana, estava efetivamente a postos. Era constituído de gente provinciana e culta, assentada em seus hábitos e também no figurino social, razão porque tinham a proteção de Caruso n'*A Onda e*, na *Gazeta*, do ambíguo Cavalcante. Do alto de sua respeitabilidade municipal, seu alvo era a "morbidez histórica" do futurismo paulistano, não o grupelho rebelde que se formava em torno de Aristides e Hildebrando, para eles apenas um bando de colegiais magnetizados pela moda. Mas logo teriam de haver-se com estes, numa luta geograficamente mais lógica, embora obscura.

É curioso notar que, enquanto o impacto da Semana, como uma bomba de (lento) efeito retardado, levaria anos para deslocar

o ar da resistência mineira, gaúcha, paranaense etc, na província paulista seu efeito foi instantâneo, mesmo onde não se suspeitava haver poetas nem críticos. Em Jaú, onde Apolônio pacientemente lavrava seus cadernos de apontamentos nos intervalos da lide cafeeira, as notícias do sarau modernista indignaram um certo Silveira da Motta, que assim se expressa uma semana depois: "A atual reação literária é um fruto temporão destinado a apodrecer sem deixar uma semente boa. Uma das provas mais evidentes do seu fracasso está na indiferença com que foi recebida nos meios intelectuais do país", imagina o articulista.⁴³ Nesse artigo, o segundo de uma série de três, ele volta suas baterias contra Menotti, que posando embora de moderno continuava para ele "lírico na essência, romântico no fundo". Opinião que, diga-se, era também a de Apolônio e a de muitos modernistas da linha de frente.

Pouco propenso a morder a isca de Silveira da Motta, Apolônio recusa-se a polemizar e se entrega a uma atividade de laboratório crítico que, hoje, já não pode ser levantada senão através de seus manuscritos. Otávio Augusto fala de artigos seus publicados em *O Imparcial* de Jaú, jornal que circulou no início dos anos 20 mas do qual não sobrou rastro em arquivo algum da cidade. Seja como for, restam os cadernos, prova inequívoca de seu engajamento solitário na causa do futurismo a partir de 1921, talvez antes.

No ano seguinte, todavia, essa adesão já comportava nuances e exigências pessoais, permitindo-lhe estabelecer preferências e até apontar fraquezas aqui e ali no movimento. Acerca de Menotti, por exemplo, levanta a dúvida de que ele viesse a conseguir "alijar de suas preocupações a mulher e a psicologia, velhos hábitos do instinto radicados no subconsciente do gosto e do sangue".⁴⁴ Considerava isto um defeito grave em Menotti, mas não o maior: "De todos, o maior, sem dúvida, é a literatura". Significativa é também sua observação de que, apesar de ter sido o São João Batista do movimento, anunciando-o desde meados de 1921, Menotti "só agora a pouco entrou (verdadeiramente) a fazer parte do grupo".

Sem perder a perspectiva histórica do movimento e não ocultando certo gosto pelos penumbristas, "tão sutis e delicados de alma", enfatiza entretanto a importância das "conquistas da nova geração", às quais considera "melhores". No contexto de um ensaio sobre Martins Fontes ("romantismo exuberante dos sentimentos numa maravilhosa expressão verbal") explica o seu conceito de poesia atualizada com o tempo e aí insere o futurismo, recomendando-o por ser "a expressão do estado de alma e sensibilidade dum momento de nossa vida coletiva". Essa nova inflexão da lin-